

MATERIAIS DE ESTUDOS PARA O ENSINO DA MUSICOGRAFIA BRAILLE: transformando dificuldades em ideias

Maurício Eslabão da Fonseca

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

mauricio_eslabao@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho tem como finalidade expor e refletir acerca da produção de materiais adaptados confeccionados no Setor de Musicografia Braille e Apoio à Inclusão (SEMBRAIN), período de 2016. I pelos monitores, professores e colaboradores do Projeto Esperança Viva da Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (EMUFRN) para o ensino da musicografia Braille no projeto supracitado. A produção destes materiais partiu da necessidade de complementar e reforçar o conteúdo ministrado em sala de aula para os educandos com deficiência visual que integram o projeto. Dessa maneira buscou-se explorar algumas possibilidades de ferramentas didáticas que abrangessem o ensino através de áudios gravados, em conjunto com um material de estudos tátil em alto relevo e em tamanho ampliado contendo os assuntos iniciais da musicografia Braille, assim, atendendo também as necessidades das pessoas com baixa visão. Este material além de beneficiar as pessoas com deficiência visual ainda é de fácil entendimento para os alunos "videntes" em virtude da utilização da escrita em Braille ampliada e em alto relevo somado às indicações dos sinais impressos em tinta.

44

Palavras-chave: Educação Especial. Materiais Didáticos. Deficiência visual.

1 O CONTEXTO

Os materiais desenvolvidos para o ensino da musicografia Braille que serão citados nesse trabalho foram desenvolvidos em conjunto pelos professores e monitores do Projeto Esperança Viva - EMUFRN, projeto esse que desde setembro de 2011 trabalha com educação especial numa perspectiva de inclusão ensinando música para alunos com Deficiência Visual – DV. Embora o Projeto Esperança Viva atue com o ensino da música para pessoas com deficiência visual, autismo, síndrome de down e microcefalia, o enfoque será dado para as pessoas com deficiência visual, uma vez que utilizam os recursos da musicografia braile e materiais impressos ampliados como recursos para trabalhar música, como é o caso do Grupo Esperança Viva e da Orquestra Braille de Violões.

Os estudantes do projeto se utilizam da musicografia Braille como ferramenta que possibilita o estudo das músicas através da leitura, sendo assim, é de grande valia que eles consigam ler, escrever e compreender os códigos musicais escritos em Braille. Assim sendo, temos o objetivo de “incentivá-los a praticar a leitura e a escrita, como também prover a eles os recursos necessários para o acesso a partituras e a materiais de suporte ao aprendizado.” (SMALIGO, 1998, apud BONILHA, 2006, p. 29). Nessa perspectiva o ensino da musicografia Braille se apresenta como um desafio e a produção de novas estratégias para o ensino da mesma se fazem relevantes.

45

2 OS ALUNOS SUAS NECESSIDADES, DIFICULDADES E ESPECIFICIDADES

Todo educador deve estar atento às necessidades dos seus alunos para poder analisar, compreender e refletir sobre as atividades e estratégias que podem ser eficazes com seu alunado. Por consequência essa reflexão trás à tona pensamentos que visam sanar ou diminuir as dificuldades que os mesmos possuem no processo de aprendizagem dos conteúdos abordados levando em consideração as especificidades do caso de cada um dos alunos, buscando assim desenvolver as capacidades e habilidades dos alunos da forma mais homogênea possível.

Sendo assim, o caso específico dos alunos do Projeto Esperança Viva nos levaram a questionamentos acerca do quanto os alunos estudam em casa? Por que

alguns alunos não estudam o suficiente para fixar os conteúdos? Quais as dificuldades que esses alunos enfrentam? Como combater essas dificuldades no aprendizado? Então, com todos estes questionamentos é necessário buscar por respostas, sendo estas conseguidas através de observações, investigação, reflexão e questionamentos feitos aos alunos.

O primeiro passo na busca por respostas parte de conversas abertas e do questionamento de quantas horas semanais os alunos reservavam para estudar os conteúdos e se isso é suficiente? Com as respostas percebemos que as dificuldades não partiam da falta de comprometimento dos alunos com o projeto, mas estavam intrinsecamente relacionados às especificidades de cada caso. Dois desses casos são bem interessantes, pois exemplificam dificuldades diferentes e que nos fazem refletir e pensar em formas de superar esses obstáculos.

O primeiro caso é de um aluno que possui pouca sensibilidade nos dedos das mãos e o que dificulta a leitura e escrita em Braille, causando assim uma certa dificuldade de assimilação dos conteúdos, já que o aluno não consegue utilizá-los de forma eficaz.

46

O segundo caso é de uma aluna do projeto que não estudava o suficiente por que necessitava da ajuda de alguém para relembrar os significados de cada um dos sinais musicais em Braille, pois a mesma não tinha conseguido memorizar de forma perdurável os assuntos trabalhados nas aulas.

Ao estudar os casos dos alunos que possuem determinadas dificuldades, percebemos com algumas tentativas onde deveríamos atuar. Como diz Schafer (1991, p. 282) “erros são mais importantes que os sucessos, pois o erro provoca mais pensamentos e autocrítica.” Sendo assim, aprender com nossas experiências enquanto educadores, mesmo quando erramos, são de extrema importância para desenvolver o pensamento reflexivo acerca de nossas atuações em sala de aula.

3 AS REUNIÕES DE PLANEJAMENTO E O PENSAMENTO EM EQUIPE

Os questionamentos anteriormente citados se tornaram recorrentes em nossas reuniões semanais de planejamento com a equipe, reuniões essas que servem para idealizar as aulas e atividades a serem desenvolvidas dentro do projeto. A partir dessa premissa, a discussão acerca de como poderíamos proceder na busca por soluções para os casos específicos que nos deparamos no projeto esperança viva, emergiu de forma contundente transformando-se em um esforço conjunto da equipe na busca por soluções.

Com base nas discussões deduzimos que a solução mais viável seria a confecção de um material de estudos que abordasse os conteúdos da musicografia Braille em um formato que pudesse ser estudado tanto por pessoas com baixa visão, cegueira e que suprisse tanto a necessidade do aluno que possui pouca sensibilidade nos dedos quanto da aluna que teve dificuldade na memorização dos elementos da musicografia Braille.

47

Vale salientar que é considerável a importância que os materiais e recursos têm na prática do professor considerando a contribuição que propicia no alcance de algumas finalidades da educação escolar.

- 1) Auxílio e suporte na formação de conceitos básicos referentes às áreas de conhecimento e do cotidiano dos alunos;
- 2) Auxílio no reconhecimento do ambiente;
- 3) Suplemento e suprimimento de lacunas e necessidades na construção do conhecimento;
- 4) Auxílio facilitador no desenvolvimento das atividades do ensino das áreas acadêmicas, constituindo suporte à aprendizagem do aluno e à relação pedagógica (BAUMEL; CASTRO, 2003, p. 95 apud ESTRELA, 1988);
- 5) Referencial básico para o desenvolvimento da autonomia do indivíduo." (BAUMEL; CASTRO 2003 p.95).

Sendo assim, o papel que os materiais desenvolvem como facilitadores no processo de aprendizagem e fixação dos conteúdos para os alunos é uma ferramenta de grande impacto e que deve ser explorada.

Dessa forma, nossa decisão por idealizar materiais de estudos para os alunos do projeto tornou-se uma das metas com maior prioridade, levando em consideração que faltavam algumas semanas para o fim do semestre, sendo esse o período que

os alunos diminuem a carga horária de estudos ou param de estudar e por consequência acabam esquecendo alguns conteúdos.

Consequentemente nosso propósito passou a ser o de entregar os materiais para que os alunos estudassem nas férias com algo que fosse uma novidade e que ajudasse a suprir as lacunas que ficaram na sua apreensão dos conteúdos.

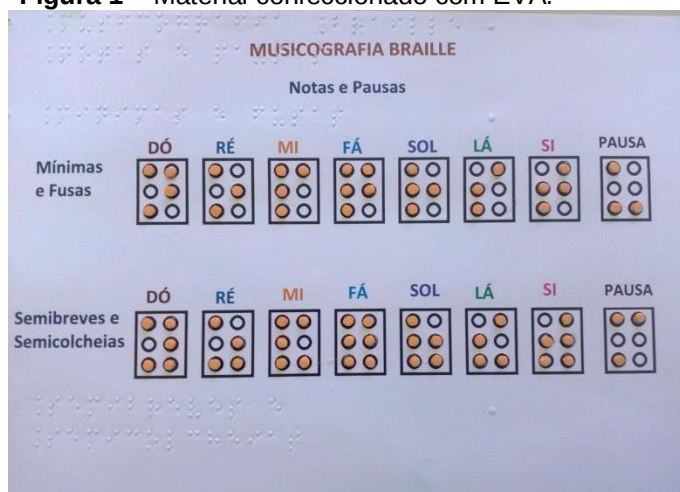
4 IDEALIZANDO E PRODUZINDO OS MATERIAIS

Primeiramente paramos para refletir qual o conteúdo que abordaríamos nesses materiais e não demorou muito para que a equipe entrasse em consenso que deveríamos começar pelos assuntos essenciais da musicografia Braille (Notas musicais, figuras de valores, sinais de oitava e fórmulas de compasso), sendo eles os assuntos fundamentais para trabalharmos a escrita e leitura de músicas com os alunos que possuem deficiência visual.

Em seguida passamos para a reflexão acerca de como seria esse material para atender as necessidades dos alunos do projeto. A princípio pensamos em um material com algum tipo de escrita em Braille ampliado, com pontos maiores e em alto relevo que pudesse ser utilizado pelo alunos que tem dificuldade em ler e escrever em Braille para que ajudasse-os a desenvolver a sensibilidade que lhe faltava ao mesmo tempo em que trabalhasse a aprendizagem dos conteúdos da musicografia Braille.

Nesse sentido, passamos à parte de experimentação dos materiais para os pontos em alto relevo do material que foi articulado, a primeira tentativa foi colar círculos de EVA numa folha de papel A4 peso 40 com cola de isopor, porém depois de fabricar alguns, foi percebido que os pontos estavam descolando do papel, desta maneira passamos a buscar alternativa.

Figura 1 – Material confeccionado com EVA.

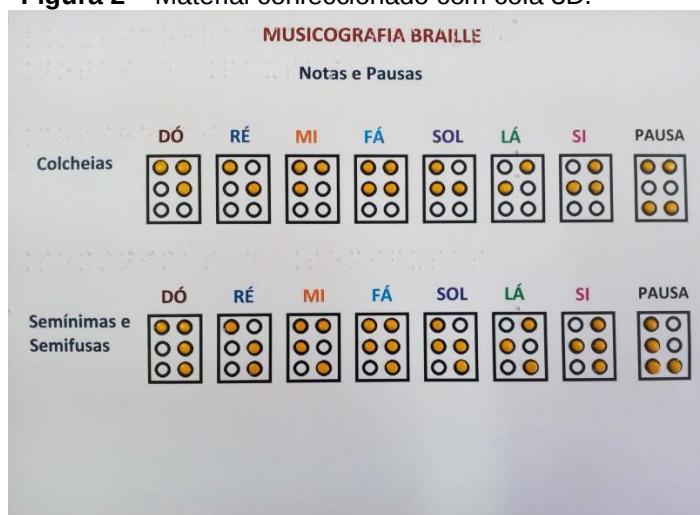


Fonte: O autor.

O material seguinte testado foi a cola 3D, sendo que esta adere de forma mais contundente ao papel, por esse motivo aceitamos que esse foi o material que melhor adaptou-se à nossa proposta, o ponto negativo à princípio foi a espera da secagem da cola, pois a mesma demora muito tempo para secar.

49

Figura 2 – Material confeccionado com cola 3D.



Fonte: O autor.

E dessa maneira iniciamos a produção desse material para os alunos do projeto, além da cola utilizada existiam algumas informações que escrevemos nos papéis para identificar cada um dos elementos à serem estudados, sendo esses

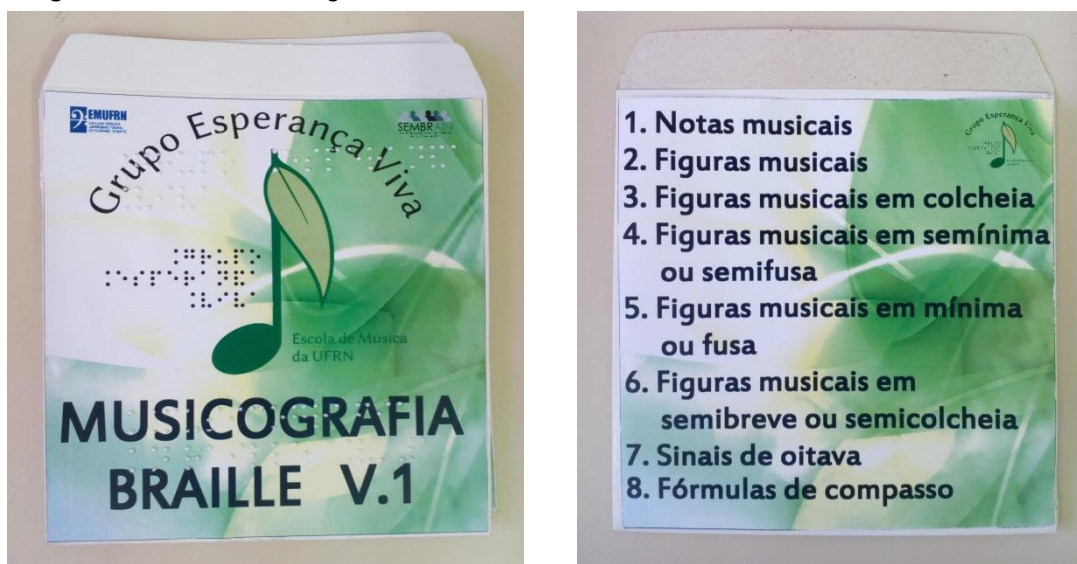
trechos impressos em tinta também escritos em Braille para tornar o material o mais acessível possível.

Enquanto produzíamos esse material passamos a refletir como tornar nosso material mais completo e assim dar a oportunidade de nossos alunos estudarem sozinhos e de forma totalmente independentes. Nessa perspectiva chegamos à conclusão que a gravação de um CD (Compact Disc) seria a ferramenta que melhor daria suporte ao material que estava sendo produzido, pois nesse CD poderíamos trabalhar definições e pontuações dos elementos musicais em Braille em um formato de áudio aulas.

À vista disso passamos a separar um momento das nossas reuniões para o desenvolvimento dos roteiros que seriam gravados no CD para que fossem de fácil compreensão e que auxiliasse no estudo em conjunto com o outro material que estava em fase de produção. A cada texto que era finalizado, passávamos para a gravação e edição dos áudios, sendo estes feitos dentro do estúdio da EMUFRN por monitores do projeto.

50

Figura 3 – CD de musicografia Braille volume 1.



Fonte: O autor.

Assim sendo, quando os materiais estavam quase todos prontos, decidimos fazer uma capa para o CD com os dados da capa frontal em Braille e uma página impressa em Braille com o nome de todas as faixas/conteúdos para facilitar o uso do mesmo pelos alunos.

Por fim separamos os materiais em pastas, sendo estas individuais com o nome de cada um dos alunos escrito em Braille e contendo em cada uma delas um CD, a relação das faixas impressas em Braille, duas páginas em alto relevo contendo as pontuações das notas e pausas em suas diversas figuras de valores e um material em alto relevo com os sinais de oitava.

Os materiais foram entregues logo ao final das atividades na confraternização da equipe e alunos, sendo acordado com eles que deveriam estudar, pois o trabalho para a produção daquele material todo foi intenso e eles deveriam fazer toda aquela maratona de trabalho ter uma utilidade real na aprendizagem deles.

5 OS RESULTADOS OBTIDOS

Quando as atividades do projeto retornaram conseguimos perceber que os alunos do projeto obtiveram resultados muito expressivos na aprendizagem dos elementos básicos da musicografia Braille, pois conseguiram memorizar e associar as pontuações dos diversos elementos que lhes foram propostos naquele material com os elementos musicais na prática.

51

Nesse pressuposto passamos a perguntar aos monitores e alunos do projeto qual a opinião deles com relação ao material desenvolvido e qual o parecer deles com relação aos resultados obtidos com essa forma de estudo que proporcionamos a eles no período das férias.

Todas as opiniões tinham em comum o fato de que o material ajudou de forma irrefutável na apropriação dos conteúdos pelos alunos, trazendo assim, uma resposta sempre positiva com relação a esse material que de acordo com o estatuto da pessoa com deficiência se enquadra como tecnologia assistiva ou ajuda técnica, pois no artigo 3, esses elementos são citados como:

“produtos, equipamentos, dispositivos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivem promover a funcionalidade, relacionada à atividade e à participação da pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida, visando à sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social”. (BRASIL, 2015)

Com base nisso, podemos considerar esse conjunto de materiais como tecnologia assistiva por promover de forma funcional a acessibilidade dos alunos a conteúdos da musicografia Braille, proporcionando que eles possam estudar de forma independente.

Esse material teve apenas um problema que foi citado por alunos e monitores, sendo esse, que a cola 3D utilizada por mais que estivesse seca ainda colava uma folha na outra. Sendo isso um inconveniente que causava dificuldades na hora de começar os estudos, pois sempre as folhas estavam grudadas.

Porém esse inconveniente foi superado com a aplicação de base de unhas sobre os pontos em cola para que os mesmos não entrassem em contato direto com as outras folhas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos com os materiais produzidos se mostraram tão positivos que decidimos começar a produção da continuação, abordando novos conteúdos da musicografia Braille. Sendo assim, nossa caminhada na busca pela adaptação e criação de materiais para pessoas com deficiência visual está apenas começando.

52

REFERÊNCIAS

BAUMEL, Roseli Cecília Rocha de Carvalho.; CASTRO, Adriano Monteiro de. Materiais e recursos de ensino para deficientes visuais. In: RIBEIRO, M. L. S.; BAUMEL, R.C.R.C. (org.). **Educação Especial**: do querer ao fazer. São Paulo: AVERCAMP, 2003. cap. VII, p. 95-107.

BONILHA, Fabiana Fator Gouvêa. **Leitura musical na ponta dos dedos: caminhos e desafios do ensino de musicografia Braille na perspectiva de alunos e professores**. 2006. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Instituto de Artes.

BRASIL. Lei 13.146 de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Diário Oficial da União**, 2015.

SCHAFER, R. Murray. O rinoceronte na sala de aula. In: _____. **O ouvido pensante**. Tradução: Marisa Trench Fonterrada. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991. p. 277-341.